

humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS




HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
Universidade de Coimbra

AMIZADE, AMOR E EROS NA 'ILÍADA'

«Uma vez que, desde início, todos aprenderam por Homero», como ensinou Xenófanes¹, vamos, nós também, a essa fonte, e até poremos de parte tudo o que lhe é posterior, ainda que este tudo abranja algumas daquelas obras das quais se tem dito, e com razão, que educaram a Europa. Refiro-me, em especial, à *Ética a Nicómaco*, em que Aristóteles dedica a totalidade dos Livros VIII e IX a definir a amizade e a classificar as suas formas. Mas também aos diálogos em que o seu Mestre tentara definir a amizade e o amor (*Lísis*, *Banquete*, *Fedro* — se é esta, como geralmente se pensa, a sua ordem de composição). Com maioria de razão, deixaremos de lado as abordagens semióticas ou sociológicas modernas e as polémicas havidas entre pensadores contemporâneos.

Mais difícil vai ser abstrair da distinção entre amor e amizade, e sobretudo pôr completamente de parte a terminologia a que os hele-
nistas estão habituados: efectivamente, *φιλία* não faz parte do vocabulário homérico, embora ele já comportasse abstractos formados com o sufixo *-ια* a partir de um adjectivo, como *ἡσυχία* (para encontrar o futuro equivalente de 'amizade', teremos de avançar até Teógnis de Mégara, v. 306!)²; é com um outro derivado de *φίλος*, o substantivo abstracto *φιλότης*, formado com o sufixo *-τῆς*, muito corrente em

¹ Fr. 10 Diels.

² Será mais exacto dizer *Corpus Theognideum*. Outras ocorrências no mesmo *Corpus* (600, 1102 e 1278b) são de autoria ainda mais duvidosa. (Agradecemos estas referências ao Doutor Francisco de Oliveira).

qualquer época da língua grega³, que teremos de contar para abranger dois tipos de afectos díssimilantes: o amor e a amizade (e note-se de passagem que é ainda de *φιλότης* que Empédocles há-de falar, ao referir o princípio que une os quatro elementos)⁴.

É o contexto, pois, e não a terminologia usada, que nos permite recuperar os nossos conceitos. Assim, Ájax, ao proferir o seu breve e incisivo discurso, no termo da embaixada a Aquiles, acusa-o de «não se deixar demover pela amizade dos companheiros» (IX.630):

..... οὐδὲ μετατρέπεται φιλότητος ἑταίρων

Por outro lado, as relações sexuais — e torne-se desde já claro que, nos Poemas Homéricos, elas são sempre heterossexuais — têm uma fórmula própria, em que figura a mesma palavra: *φιλότητι μιγῆναι* ou *ἐμίγην φιλότητι*.

E *eros*? *Ἔρως* ou *ἔρος* é ainda e só um substantivo abstracto, frequentemente associado a *ἔμερος*, ‘desejo’. Mais tarde, quando for deificado, será considerado, naturalmente, filho de Afrodite. E assim, *Ἔρως* e *Ἴμερος*, juntamente com *Πειθῶ* ‘Persuasão’, e por vezes outras personificações ainda, farão parte do grupo que acompanha a deusa do Amor⁵. A primeira ocorrência de Eros como divindade surge no começo da *Teogonia* de Hesíodo⁶:

ἦτοι μὲν πρότιστα Χάος γένητ'· ἀτὰρ ἔπειτα
Γαῖα ἐφύστεργος, πάντων ἔδος ἀσφαλὲς αἰεὶ
ἀθανάτων οἳ ἔχουσι κάρη νυφέντος Ὀλύμπου,
ἠδ' Ἔρως, ὃς κάλλιστος ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι,
λυσιμελής, πάντων τε θεῶν πάντων τ' ἀνθρώπων
δάμναται ἐν στήθεσσι νόον καὶ ἐπίφρονα βουλὴν.

Primeiro que tudo houve o Caos, e depois
a Terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto existe,
e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,
que amolece os membros e, no peito de todos os homens e deuses
domina o espírito e a vontade esclarecida.

³ Vide P. Chantraine, *La formation des noms en grec ancien* (Paris 1933) 78, 293-294.

⁴ Fr. 31 B 17 Diels-Kranz. A bibliografia sobre esta matéria é, naturalmente, muito vasta. Entre muitas obras, citamos apenas A. Lesky, *Vom Eros der Hellenen* (Goettingen 1976); Francisco de Oliveira, *Platão, Lisis* (Coimbra, 1990), introdução; Maria Teresa Schiappa de Azevedo, *Platão, O Banquete* (Lisboa 1991), introdução.

⁵ Cf. W. Burkert, *Griechische Religion der archaischen und klassischen Epoche* (Stuttgart 1977) 238, 287.

⁶ Vv. 116-117 e 120-122. Pertence ao número dos que não aceitam a autenticidade dos vv. 118-119, onde se menciona o Tártaro, uma vez que Platão, *Symp.* 178 b e Aristóteles, *Met.* 984 a 27 e outros autores os omitem, ao citar o passo.

A sequência do texto enumera depois a geração de Caos e de Terra, sem mais referir Eros, o que tem levado os comentadores a supor que ele é uma força geradora. Sem nos preocuparmos em saber se a *Teogonia* é anterior à *Iliada* ou não, como hoje vários pretendem, voltemos ao *eros* homérico. Ele não é ainda uma divindade, mas uma pulsão capaz de dominar por completo o espírito. Um exemplo típico é o desta fala de Páris em III.442:

οὐ γάρ πώ ποτέ μ' ᾤδέε γ' ἔρωος φρένας ἀμφεκάλυψεν
 é que jamais *eros* me envolveu o espírito desta maneira

A situação é a mesma, quando transposta para o plano divino no episódio do Dolo de Zeus, no momento em que o deus supremo avista Hera (XIV.294):

ὡς δ' ἴδεν, ὡς μιν ἔρωος πικινὰς φρένας ἀμφεκάλυψεν
 assim que a viu, logo *eros* lhe envolveu o espírito prudente

Mas também pode ser, muito simplesmente, o desejo ou apetite de algo que, normalmente, uma vez satisfeito, conduz à saciedade. É assim que Menelau acusa os Troianos de não se saciarem da guerra (*ἔξ ἔρον εἶναι/πολέμου*), quando para tudo há um limite «do sono, do amor, do doce canto e da inclita dança» (*καὶ ὕπνου καὶ φιλότητος/μολπῆς τε γλυκερῆς καὶ ἀμόμονος ὄρχηθμοῖο* — XIII.636-639). Assim também que figura na fórmula que tantas vezes assinala o terminar de um banquete⁷:

ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἔντο
 depois que se saciaram de beber e de comer

Esta breve exemplificação terá demonstrado que a conceptualização dos afectos, tal como a dos factores que regem o comportamento humano, é extremamente imprecisa e flutuante em Homero. O que não significa que eles não só existam, como determinem as formas de actuação das figuras.

Vejamos primeiro o caso mais evidente, a personagem de Aquiles, o representante máximo da *ἀρετή* da *Iliada*, e, portanto, a incarnação dos mais altos ideais. Ele tem a consciência de ser o primeiro entre todos os guerreiros, pelo que lhe cabem as honras correspondentes —

⁷ *Iliada* I.469 e mais seis vezes; catorze na *Odisseia*.

a *τιμῆ*, que se traduz no *γέρας* (o 'presente de honra') com que o recompensam. Numa cultura de vergonha, como E. R. Dodds mostrou ser a da *Iliada*, aplicando-lhe com grande êxito essa terminologia vinda da antropologia cultural⁸, o segundo termo corresponde à materialização do primeiro, pelo que a sua anulação se torna uma afronta intolerável.

É precisamente isso o que sucede no Canto I do poema. Agamémnon rejeita, desabridamente e com ameaças, o pedido de resgate de Criseida, que o pai desta lhe faz, revestido das insígnias de sacerdote de Apolo, pelo que o deus o castiga, e a todo o exército, lançando a peste no acampamento. Revelada a causa da epidemia pelo adivinho dos Aqueus, vê-se na obrigação de restituir a cativa, mas para isso reclama a sua substituição por outra. No calor da discussão com Aquiles, é a deste último, Briseida, que ele acaba por exigir. Ora as cativas eram presente de honra, ou seja, *γέρας*, e este lexema atravessa, como um signo ameaçador, a longa discussão na primeira parte da assembleia dos chefes, em que Aquiles é desfeitoado na presença de todos (oito ocorrências da palavra em 87 versos)⁹.

Certos comentadores antigos, que tentaram emendar o verso 6 da proposição do poema:

ἔξ ὅθ' ἄρ' ἀπὸ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε

desde o momento em que se separaram, discordando um do outro

lendo uma referência causal, *διὰ στήτην*, onde estava um verbo no dual (*διαστήτην* acompanhado de um participio suplementar), cujo sujeito é «o Atrida, senhor dos homens e o divino Aquiles», além de inventarem uma palavra¹⁰, mostraram não compreender o alcance da ofensa, reduzindo-a a uma simples questão de rivalidade por uma mulher.

Numa das suas acutilantes réplicas a Agamémnon, o rei dos Mirmidões acentua que não está em Tróia para vingar afrontas pes-

⁸ *The Greeks and the Irrational* (Berkeley 1951), cap. «From Shame-Culture to Guilt-Culture».

⁹ I. 118, 120, 133, 135, 138, 161, 167, 185.

¹⁰ Esta palavra aparece, como falso dorismo, só em Teócrito, *Syrinx* 14 e *Dosiadas*, *Ara* 1. Outros exemplos de «palavras-fantasma» podem ver-se em P. Chantraine, *Grammaire Homérique* I (Paris² 1973) 7,45. Os dados sobre esta figuram em Eustátio 21.43 e Schol. D.T. p. 11 H.

A ideia da luta «por uma mulher», contida nas desculpas de Aquiles em XIX. 59, situa-se num contexto diferente, e é comparável às palavras que Helena aplica a si mesma, ao falar com Heitor (VI. 344-348).

soais de depredação dos seus bens (que eram afinal as causas correntes de guerras), mas para prestar serviço aos Atridas (I. 152-160):

*οὐ γὰρ ἐγὼ Τρώων ἔνεκ' ἦλυθον αἰχμητῶν
 δεῦρο μαχησόμενος, ἐπεὶ οὐτί μοι αἴτιοι εἰσιν·
 οὐ γὰρ πώ ποτ' ἐμᾶς βοῦς ἦλασαν οὐδὲ μὲν ἵππους,
 οὐδέ ποτ' ἐν Φθίῃ ἐριβόλακι βοιωταίῳ
 καρπὸν ἐδηλήσαντ', ἐπεὶ ἦ μάλα πολλὰ μεταξὺ,
 οὐρεᾶ τε σκίοεντα θάλασσά τε ἠχέησσα·
 ἀλλὰ σοί, ὦ μέγ' ἀναιδέες, ἄμ' ἐσπόμεθ', ὄφρα σὺ χαίρηις,
 τιμὴν ἀρνύμενοι Μενελάωι σοί τε, κυνώπα,
 πρὸς Τρώων τῶν οὐ τι μετατρέψῃ οὐδ' ἀλεγίζεις·*

É que eu não vim lutar para aqui por causa dos Troianos belicosos, pois eles nada me fizeram. Jamais me tiraram bois ou cavalos, nem destruíram as colheitas na Ftia de solo fértil, criadora de heróis, pois muitos são os acidentes que ficam de permeio, as montanhas umbrosas e o marulhante mar. Mas seguimos-te, grande descarado, para teu prazer, para vos granjear honra, a Menelau e a ti, ó cara de cão, junto dos Troianos. Disso não curas nem pensas tu!

Mais tarde, ao replicar ao discurso com que Ulisses, em nome de Agamémnon, tenta convencê-lo a regressar ao combate, Aquiles insiste em que não ajudará o rei de Micenas, nem com o conselho, nem com a acção (IX.374), e exclama (IX.375-376):

*ἐκ γὰρ δὴ μὲν ἀπάτησε καὶ ἤλιπεν οὐδ' ἂν ἔτ' αὔτις
 ἐξαπαφοίτ' ἐπέεσσιν ἄλις δέ οἱ·*

É que ele já me decepcionou e ofendeu; não vai iludir-me de novo com palavras! Que se contente com o que fez!

O seu discurso rebate depois, uma por uma, as vantagens das ofertas de Agamémnon: não aceita nem riquezas, nem cidades, nem uma das filhas em casamento. Regressará à Ftia, e aí encontrará uma nobre esposa, porque — continua — «nada existe que possa pagar a vida» (IX.401). Sabedor, através da mãe, a deusa Tétis, do duplo destino que pode aguardá-lo — morrer cedo, com glória, ou gozar de uma velhice apagada — só tem que aconselhar a todos o regresso ao seu país. Este não é o pensar verdadeiro do herói por excelência, momentaneamente disfarçado sob a capa do homem comum. É o do herói ofendido que desdenha esta tentativa de aproximação. Mas a profecia de Tétis vai regressar na altura própria: quando, após a morte de Pátroclo, tiver começado aquilo a que Dieter Lohmann, num livro

que fez época¹¹, chamou a segunda fase da *μήνις*, aquela *μήνις* que o leva a ir para o combate, sem atender a nada, para castigar Heitor. Ao ouvir a decisão do filho, Tétis esclarece melhor: logo após a morte de Heitor, a sua estará preparada (XVIII.94-95). Reconhece-se agora o feroso guerreiro na resposta impetuosa e desesperada (XVIII.98-99):

*ἀντίκα τεθναίην, ἐπεὶ οὐκ ἄρ' ἔμελλον ἑταίρωι
κτεινομένῳ ἐπαμύναι*

Que eu morra de imediato, já que não me era dado
defender da morte o companheiro!

Mais adiante, o tema da morte e da glória entrelaçam-se de novo nesta tirada cheia de exaltação (XVIII. 121-126):

..... *νῦν δὲ κλέος ἑσθλὸν ἀροίμην
καὶ τινα Τρωιάδων καὶ Δαρδανίδων βαθυκόλπων
ἀμφοτέρῃσιν χερσὶ παρηάων ἀπαλάων
δάκρυ' ὀμορξαμένην ἄδιδόν στοναχῆσαι ἐφείην,
γνοῖεν δ', ὅς δὴ θηρὸν ἐγὼ πολέμοιο πέπαυμαι.
μηδέ μ' ἔρυκε μάχης, φιλέουσά περ' οὐδέ με πείσεις.*

... Mas agora quero alcançar uma nobre glória,
e que as Troianas e Dardánidas de bela cintura,
enxugando com ambas as mãos as lágrimas
nas tenras faces, solucem profundamente,
e se apercebam de quanto tempo me abstive do combate.
Por muito que me ames, não me afastes da luta: não me convencerás.

Mas, ao lado destes, o tema da amizade vai ter um valor fundamental, pois é essa, afinal, a razão última do sacrifício da vida de Aquiles. Quando Pátroclo cai ferido por Heitor e os outros chefes guerreiros tentam impedir a todo o custo a consumação suprema da *ἀριστία* do príncipe troiano — ficar de posse do cadáver do inimigo — Ajax lembra a Menelau que é preciso prevenir Aquiles de que «pencerá o companheiro que, de longe, ele mais estimava» (XVII.655). O espectáculo da dor de Aquiles, do seu imenso desespero — com Antíloco a segurar-lhe as mãos, para o impedir de se matar —, o lamento das cativas e o do coro das Nereidas, que vêm das profundezas marinhas acompanhar Tétis, são, não obstante as severas críticas que, séculos mais tarde, Platão havia de tecer-lhe na *República*, em nome de um

¹¹ *Die Komposition der Reden in der Ilias* (Berlin 1970).

auto-domínio que o *logos* socrático o levava a prezar como marca de superioridade, um dos passos mais impressionantes do poema ¹².

No canto seguinte (XIX. 315-337), o herói afirmará que nem a morte de Peleu, seu pai, nem a do filho lhe custariam mais. Era precisamente com Pátroclo que ele contava para levar o jovem Neoptólemo como herdeiro para os domínios da Ftia, quando ele mesmo, Aquiles, percesse «em terra alheia, a lutar contra os Troianos, por causa da horrível Helena». E, contudo, Aquiles amava o seu pai. Quando, no princípio do Canto XVI, Pátroclo se prepara, «vertendo lágrimas escaldantes» (XVI. 3), para lhe pedir que o deixe ir, com os Mirmidões, em socorro dos outros Aqueus, a primeira pergunta do herói é se terão vindo algumas notícias tristes da Ftia; mas logo procura tranquilizar-se (XVI. 14-16):

*ζῶειν μὲν ἔτι φασὶ Μενότιον, Ἄκτορος υἱόν,
ζῶει δ' Αἰακίδης Πηλεὺς μετὰ Μυρμιδόνεσσι,
τῶν κ'ε μάλ' ἀμφοτέρων ἀκαχόιμεθα τεθνηῶτων.*

Mas está ainda vivo, ao que se diz, Menécio, filho de Actor,
e vivo está Peleu Eácida entre os Mirmidões;
de ambos esses nos affigiria a morte, acima de tudo.

Este valor supremo da amizade encontra paralelos mais esbatidos na relação entre os dois jovens príncipes da Lícia, Glauco e Sarpédon, na cena patética em que o primeiro suplica a Apolo que o cure dos seus ferimentos, para impedir que o cadáver do segundo caia nas mãos dos Aqueus (XVI. 508-526), ou mesmo na bonomia do símile em que os dois Ajantes, na sua actuação sempre concertada, são comparados a uma junta de bois que nunca se afastam um de outro (XIII. 701-708); ou ainda na dedicação fraternal entre os dois Atridas — quer na ocasião em que Agamémnon, na aflicção de ver Menelau ferido, lhe pega na mão a soluçar e só descansa quando Macaão vem tratá-lo (IV. 148-219), quer quando o rei de Esparta chega à assembleia dos chefes mesmo sem ser preciso chamá-lo, «pois sabia no seu coração que o irmão estava a sofrer» (II. 409).

Voltando a Aquiles, e reafirmando a ausência de conotações eróticas na sua relação com Pátroclo, as quais, tanto quanto sabemos, não entraram no mito anteriormente ao séc. V a.C. ¹³, será a altura

¹² Os passos são, respectivamente, *Ilíada* XII. 1-69 e Platão, *República* 388a-b.

¹³ Cremos que bastaria a cena final do Canto IX (666-668) para o comprovar. A versão do séc. V a.C. a que nos referimos é a dos frs. 228-229 Mette

de perguntar qual a natureza, e sobretudo a profundidade dos seus sentimentos para com Briseida, e desta para com ele.

A revelação é feita aos poucos, discretamente, e no momento relevante, como é característico da arte homérica. Assim, quando os arautos de Agamémnon vão buscar Briseida à tenda de Aquiles, estão presentes, além daqueles, que não ousam sequer falar, Pátroclo, que cumpre as ordens do amigo, de entregar a jovem, e o próprio Aquiles. Apenas a voz deste se ouve, após o que

..... Πάτροκλος δὲ φίλῳ ἐπεπειθεθ' ἑταίρωι,
ἐκ δ' ἄγαγε κλισίης Βρισηίδα καλλιπάρημον,
δῶκε δ' ἄγειν, τῷ δ' αὖτις ἴτην παρὰ νῆας Αἰακῶν,
ἧ δ' ἀέκουσ' ἅμα τοῖσι γυνὴ κίεν

..... Pátroclo obedeceu ao seu querido companheiro.
Trouxe para fora da tenda Briseida de rosto formoso,
e entregou-a. Eles seguem ao longo das naus dos Aqueus.
Com eles avança a mulher, mau grado seu

(I. 345-348)

«Mau grado seu» — em grego, uma única palavra, *ἀέκουσα*, que diz tudo. Só iremos ver de novo Briseida — e agora ouvi-la também — na sua lamentação ao avistar o cadáver de Pátroclo, que beija a chorar, lembrando, como tantos outros, a sua doçura. Fora ele que a consolara, no próprio dia em que principiara o seu cativeiro, prometendo-lhe que Aquiles faria dela sua esposa legítima e a levaria para a Ftia (XIX. 287-300).

Uma vã consolação, poderá perguntar-se? A resposta está no discurso com que Aquiles replica a Ulisses, por ocasião da embaixada por este conduzida (IX. 340-344):

ἧ μοῦνοι φιλέουσ' ἀλόχους μερόπων ἀνθρώπων
Ἄτρεΐδαι; ἐπεὶ ὅς τις ἀνὴρ ἀγαθὸς καὶ ἐχέφρων,
τὴν αὐτοῦ φιλεῖ καὶ κήδεται ὡς καὶ ἐγὼ τὴν
ἐκ θυμοῦ φίλεον, δουρικτήτην περ ἑοῦσαν.

Será que dentre os homens mortais somente os Atridas amam as suas esposas? Ora todo o homem de bem e com senso ama a sua própria mulher, e com ela se preocupa; tal como eu a amava a ela de todo o coração, apesar de ser uma cativa.

de Ésquilo, citada por Platão, *Symp.* 179e-180a (cf. também 208d, quanto ao motivo da glória).

Repare-se ainda na fórmula homérica que consagra a união entre homem e mulher como algo de sancionado pelo uso e pela natureza:

ἧ θέμις ἐστίν, ἀναξ, ἧ τ' ἀνδρῶν ἧ τε γυναικῶν

é essa a regra, senhor, para homens e para mulheres

(IX. 276 = XIX. 177)

Embora haja outras interpretações, julgo que os sentimentos pessoais de Aquiles já estavam a descoberto desde o momento do Canto I em que, a seguir à partida de Tétis, se diz que ele ficara «irado, a pensar na mulher de bela cintura» (I. 429). O passo do Catálogo das Naus em que se refere a inactividade do herói e as razões que a determinam confirmam a existência deste tipo de motivação para o afastamento do combate, subjacente ao da perda da τιμή (II. 688-694)¹⁴.

Lugar de primeiro plano ocupa, no entanto, o amor conjugal vivido em toda a sua plenitude. É o caso daquele que tem por protagonistas Heitor e Andrómaca. Num dos passos mais célebres do poema, o herói «de casco faiscante», que fora a Troia pedir à mãe que fizesse súplicas e oferendas a Atena, tal era a gravidade da situação do exército troiano, dirige-se a casa, à procura da mulher e do filho, pois não sabe se poderá tornar a vê-los. Encontra Andrómaca na muralha, nas Portas Ceias, perscrutando, ansiosa, o campo de batalha. Logo que o avista, vem ao seu encontro, seguida da ama com o filho nos braços. Ao ver a criança, Heitor sorri em silêncio. Andrómaca detém-se a chorar, junto dele. A cena vai decorrer, precisamente, entre risos e lágrimas, as duas faces da expressão dos sentimentos que unem os dois esposos em volta da figura da criança, «semelhante a uma formosa estrela» (VI. 401). Andrómaca implora-lhe que se lembre dela e do filho, pois em breve os Aqueus o derrubarão, impiedosos, e então:

..... ἐμοὶ δέ κε κέρδιον εἶη
σεῦ ἀφαρματούσῃ χθόνα δύμεναι

..... melhor seria para mim,
de tí privada, ir para debaixo da terra...

(VI. 410-411)

Porque do pai e da mãe, de sete irmãos que tivera, de todos esses a privara a lança do divino Aquiles de pés velozes; e por isso, continua:

"Ἐκτορ, ἀτὰρ σύ μοι ἔσσι πατήρ καὶ πότνια μήτηρ
ἦδὲ κασίγνητος, σὺ δέ μοι θαλερὸς παρακόλτης·
ἀλλ' ἄγε νῦν ἐλέειρε καὶ αὐτοῦ μίμν' ἐπὶ πύργῳ,
μὴ παῖδ' ὀρφανικὸν θήγης χήρην τε γυναῖκα.

Heitor, tu és para mim pai e mãe venerável
e irmão, e és para mim o meu esposo florescente.
Mas vamos, amerceia-te de mim e fica aqui na torre,
não faças órfão teu filho, viúva a tua mulher.

(VI. 429-432)

¹⁴ Em meu entender, as afirmações de Aquiles em XIX. 59-61 não se opõem a esta interpretação. Vide *supra*, nota 10.

A resposta de Heitor toca os mesmos valores. Depois de invocar o seu dever sagrado de defender a cidade, proclama:

*ἀλλ' οὐ μοι Τρώων τόσσον μέλει ἄλγος ὀπίσσω,
οὔτ' αὐτῆς Ἑκάβης οὔτε Πριάμοιο ἄνακτος
οὔτε κασιγνήτων, οἳ κεν πολέες τε καὶ ἔσθλοί
ἐν κονίησι πέσοιεν ὑπ' ἀνδράσι δυσμενέεσσιν,
ὄσσον σεῦ, ὅτε κέν τις Ἀχαιῶν χαλκοχιτώνων
δακρύνεσσιν ἄγεται ἐλεύθερον ἡμᾶρ ἀπούρας.*

Mas não me affigem tanto as dores que estão para vir, pelos Troianos, pela própria Hécuba ou pelo soberano Príamo, ou pelos irmãos, que, numerosos e valentes, vão tombar no pó, às mãos dos guerreiros inimigos, como a que terei por ti, quando algum dos Aqueus de brônzeas túnicas te arrastar coberta de lágrimas, privando-te da liberdade.

(VI. 450-455)

A visão que se segue, de Andrómaca cativa, sujeita a um destino brutal, objecto da compaixão dos outros, encerra com estes versos dolorosos:

*ἀλλά με τεθνηῶτα χυτὴ κατὰ γαῖα καλύπττοι
πρὶν γέ τι σῆς τε βοῆς σοῦ θ' ἔλκηθμοιο πηθέσθαι*

Mas que um monte de terra encubra o meu cadáver, antes de eu ouvir o teu grito, ao seres arrastada à força.

(VI. 464-465)

A tensão dramática da cena é aliviada pelo momento seguinte, em que Heitor quer pegar no filho, mas o pequeno se volta aos gritos, assustado com o aspecto do pai, revestido com a couraça e com o penacho do capacete a ondear, pelo que Heitor o retira da cabeça e o pousa no solo (VI.468-473).

Heitor beija e embala o filho nos braços, enquanto dirige aos deuses uma prece pelo seu destino. As suas últimas palavras são de consolação para Andrómaca:

*δαιμονίη, μή μοί τι λήην ἀκαχίζεο θυμῶν
οὐ γάρ τις μ' ὑπέρ αἴσαν ἀνήρ "Αἰδι προῖάψει
μοῖραν δ' οὐ τίνα φημι πεφνυμένον ἔμμεναι ἀνδρῶν,
οὐ κακόν, οὐδὲ μὲν ἔσθλόν, ἐπὴν τὰ πρῶτα γένηται.*

Louca, não te affijas assim no teu coração!
Ninguém me lançará ao Hades contra as ordens do destino!
Garanto-te que nunca homem algum, bom ou mau,
escapou ao seu destino, desde que nasceu!

(VI. 486-489)

Depois de reafirmar o seu dever como defensor de Troia, Heitor coloca de novo o capacete na cabeça e a mulher dirige-se para casa, voltando-se para trás e vertendo lágrimas ardentes (VI. 494-496).

Estamos no Canto VI, e dezenas de episódios vão preencher o tempo narrativo. Mas, na verdade, dentro de cinco dias, há-de jazer morto. As lamentações e o desespero de Andrómaca, ao pressentir o acontecimento terrível (XXII. 437-515) e o treno que entoa no final do poema, com a cabeça do marido entre as mãos (XXIV. 723-745), são o fecho desta história trágica de amor e dedicação.

Nesta linha se situam, em distante contraponto, e nas breves pinceladas de alguns versos, histórias como a da mulher de Proteusilaus (II. 698-701) e da de Ifidamante (XI. 153-242), apenas esboçadas, ao individualizar com poucos traços as vítimas das *ἀνδροκτασίαι* que povoam as descrições de combates. Recordo apenas a primeira, que se distingue pela sua concisão e pelo sentido pungente da solidão e da inanidade do esforço humano (II. 699-701):

..... τότε δ' ἤδη ἔχεν κάτω γαῖα μέλαινα.
τοῦ δὲ καὶ ἀμφιδρυμῆς ἄλοχος Φυλάκῃ ἐλέλειπτο
καὶ δόμος ἡμιτελής·

..... mas agora detém-no já a terra negra.
Dele ficou em Fílace uma esposa de faces dilaceradas
e uma casa semi-construída

Este é o amor fiel entre esposos, provado — ou ainda não — pelo volver dos anos. Poderíamos escolher um negativo desta situação para formar contraste: os sentimentos de Agamémnon por Clitemnestra, lembrando como o príncipe dos homens declara, com a brutalidade que caracteriza o seu discurso, as razões por que não quis entregar Criseida (I. 113-115):

..... καὶ γὰρ ἴα Κλυταμῆστρης προβέβουλα,
κουριδίης ἀλόχου, ἐπεὶ οὐ θεὸν ἐστὶ χειρείων,
οὐδέμας οὐδὲ φηῖν, οὐτ' ἄρ' φρένας οὐτε τι ἔργα.

É que eu prefiro-a a Clitemnestra,
minha legítima esposa; não lhe é inferior,
nem de corpo ou estatura, de espírito ou habilidade.

O resto da história é já do âmbito da *Odisseia* ... Procuremos antes um caso mais complexo, até porque ele nos introduz no terceiro dos conceitos a analisar — *eros*. Trata-se dos sentimentos de Helena, a causadora da guerra, a quem Príamo perdoa («para mim, em nada és culpada; culpados são, para mim, os deuses» — III. 166),

a quem só Heitor defendia (XXIV. 765-773), mas a todo o momento se acusa a si própria de ser o motivo de todas as desgraças (III. 172-176; VI. 344-348). Nunca fica perfeitamente claro na *Iliada* se a sua partida foi voluntária ou forçada: o verso 590 do Canto II, que aliás repete uma linha anterior do mesmo Canto (356), pode ser interpretado como significando «os ímpetos e soluços» por ela sentidos ou por ela causados (e o mais curioso é que os *chorizontes* se baseavam também nesta questão para demonstrar que o autor da *Iliada* não era o da *Odisseia*, uma vez que este afirmava explicitamente que a paixão fora a causa da sua partida). O mito de Helena veio a ser visto por vários ângulos, dentro da própria Antiguidade (às vezes até pelo mesmo autor, como é o caso do versátil Eurípides), mas não parece provável, como observa Kirk, o mais recente e um dos mais autorizados comentadores da epopeia, que os dois poemas divergissem neste ponto central¹⁵.

O certo é que, quando Íris lhe aparece no Canto III para lhe anunciar que a monomaquia entre Páris e Menelau vai substituir tão longa guerra, a mensageira dos deuses «lança no seu coração o doce desejo (*ἔμερον*) do seu primeiro marido, da sua cidade e dos pais» (III. 139-140). É assim que vai principiar a *teichoskopia*, pois Helena logo se dirige para as Portas Ceias. Às perguntas de Príamo, que vai descrevendo o aspecto físico dos mais notáveis chefes aqueus, Helena vai, por sua vez, respondendo com os seus nomes e qualidades distintivas. A identificação de Menelau, porém, é feita indirectamente por Antenor, que, em passo célebre, compara a oratória deste com a de Ulisses.

Mas em breve se realiza o duelo e, quando Menelau parecia vencedor, Páris é subtraído por Afrodite do campo de batalha. A deusa vai mais longe: disfarçada de fiandeira espartana, chama Helena para a induzir a sucumbir de novo perante os encantos do príncipe troiano. Numa luta desigual, a deusa, já identificada pelos seus gloriosos atributos, ameaça a sua relutante vítima de lhe retirar a protecção, caso não lhe obedeça. Ela mesma a senta num banco, dentro do quarto, em frente de Páris. Se as primeiras palavras de Helena são para o flagelar pela sua cobardia, as últimas já deslizaram subtilmente para conselhos de prudência. Defendendo-se a custo, o príncipe troiano acaba por se refugiar numa afirmação que é uma variante da fórmula

¹⁵ *The Iliad: A Commentary*, Vol. I (Cambridge 1985) 153.

consagrada, a que nos referimos no começo destas considerações, a propósito da hierogamia de Zeus e Hera (XIV. 294):

οὐ γὰρ πώ ποτέ μ' ὄδ' ἔρωσ φρένας ἀμφεκάλυπεν

Jamais um desejo assim envolveu o meu espírito.

(III. 442)

Desejo — ἔρωσ. Mais adiante, a outra palavra do mesmo campo semântico — ἱμερος (III. 446). Páris «semelhante aos deuses» — é este um dos seus epítetos habituais, destinado a realçar a sua beleza física — só a custo e em resposta às violentas acusações de seu irmão Heitor se decidira pelo combate. Mas não sem ter acentuado:

μή μοι δῶρ' ἔρατὰ πρόφερε χρυσέης Ἀφροδίτης,

οὐ τοι ἀπόβλητ' ἔστι θεῶν ἐρικυδέα δῶρα

ἄσσα κεν αὐτοὶ δῶσιν, ἐκὼν δ' οὐκ ἄν τις ἔλοιτο.

Não me lances em rosto da dourada Afrodite os amáveis dons:

os dons gloriosos dos deuses não podem recusar-se.

Coisa que eles nos concedem, ninguém a escolheu por si.

(III. 64-66)

Mais tarde, ante a proposta do sensato Antenor perante a assembleia dos Troianos, de que se devolvam Helena e os tesouros, para pôr termo a tanto dano, Páris levanta-se para protestar energicamente: os tesouros que sejam devolvidos, e até aumentados, mas a sua esposa, essa, não (VII. 357-361).

De Menelau pouco mais se conhece do que o prazer de antegozar a reivindicta (III. 21-29) e a confissão de que é sua a dor maior (III. 97-98).

É portanto ἔρωσ, a atracção física, consumada e expressa na fórmula já citada *φιλότητι μιγῆναι*, que comanda as relações entre Páris e Helena, sempre vistas como causa primeira da perdição de milhares «de Aqueus de brônzeas túnicas e de Troianos domadores de cavalos».

É uma potência de efeitos destruidores, como o é também a cólera, conforme reconhece o próprio Aquiles, ao reconciliar-se com Agamémnon no Canto XIX (56-73). Mas o mais estranho é que a amizade, o grande liame desta sociedade que ainda não conhece lei positiva, conduza, ela também, à destruição. O poema terminaria,

mesmo, num aniquilamento total, se não fossem os últimos dois cantos: a alacridade e os exemplos de cortesia dos jogos fúnebres em honra de Pátroclo, no Canto XXIII; a lição de humanitarismo dada por Aquiles no Canto seguinte, ao acolher Príamo como seu suplicante e seu hóspede, e ao devolver-lhe o troféu que era a sua glória máxima, o cadáver de Heitor, a fim de ele ser sepultado condignamente. Pelo caminho tinham ficado muitos outros paradigmas. Nenhum, porém, mais alto do que este.